



ANARQUISTAS GUERRA CIVIL ESPANHOLA - 1936 UM EXERCICIO DE MORALIDADE

Revisão e atualização da monografia
originalmente apresentada no
Curso HISTÓRIA IBÉRICA I / 1996
Prof. José Carlos Sebe Bom Melhy
Departamento de Historia
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

*"E por que não? Uma ideia se defende
onde é preciso defendê-la."*

Endagação da Primavera
Alejo Carpentier

Quando tentamos avaliar a dimensão e a repercussão histórica do conflito espanhol de 36, com base na produção cultural acumulada, somos sempre traídos por um erro de perspectiva, uma distorção provocada pela avassaladora prevalência dos temas referentes à Segunda Guerra Mundial sobre os demais. Este flagrante desequilíbrio – maior que os tamanhos relativos dos conflitos – é decorrentes das características intrínsecas dos meios de comunicações mundiais, excessivamente centrados no mundo anglo-americano e, com certeza, resultado da participação oficial, maciça e vitoriosa dos Estados Unidos, Inglaterra e Canadá na conflagração. Entre outros, existem dois efeitos perversos desta distorção. O primeiro, através da multiplicação inflacionada de filmes, livros, romances e novelas populares, provoca o crescimento descontrolado do ciclo temático, que, como já assinalara Walter Benjamin n'*A Obra de Arte na Época de Suas Técnicas*

de Reprodução,¹ conduz a uma progressiva banalização do conteúdo, ou seja, o acúmulo de material ao invés de aprofundar e aclarar o confronto, contrariamente, esgarça, desvanece e mistifica o assunto. O segundo, conseqüência do anterior, tende a minimizar a importância do episódio ibérico, fazendo dele apenas um ensaio geral, um preâmbulo, um apêndice anexado ao evento maior.

O horizonte muda significativamente quando avançamos para além deste nevoeiro midiático, nos deparamos com um conjunto crítico e artístico muito mais conseqüente, organizado e estruturado que, seguramente, se constitui no segundo maior ciclo dramático, romântico e político do século: a Guerra Civil Espanhola. Na crescente constelação de obras que gravitam em torno desta confrontação podem-se destacar dois entre os muitos polos de atração: (a) a Espanha de 36/39 erigida como um divisor de águas político e moral mundial, (b) a atuação do anarquismo e sua influência na Ética e Moral nos acontecimentos.

São estes aspectos que este trabalho buscará analisar, utilizando-se principalmente de estudos e comentários sobre o anarquismo e de registros e considerações sobre o movimento, colhidos na literatura e nas artes em geral. Suplementarmente, até como experiência, usaremos também alguns materiais obtidos via **Internet**, procurando sondar a penetração do tema anarquismo na nova mídia.

LINHA DEMARCATÓRIA DA MORAL

Como avaliação preliminar, podemos observar que a produção artística gerada pelo conflito ibérico, sobretudo do lado republicano, tinha tal grau de vividez, vibração e paixão latentes que "*ainda hoje, tantos anos depois, não se pode ler o mais sóbrio relatório literário em torno da guerra civil espanhola sem sentir, como uma tempestade distante, a agitação daqueles dias*".² Também, a grande maioria das obras carrega um conteúdo emocional, de cunho pessoal, fortemente marcado e sinalizado, raramente escapando de uma parcialidade evidente e extremada. Por fim, todos os trabalhos – literatura, música, pintura, teatro – com poucas exceções, patenteiam uma explícita e transparente tomada de posição moral ou política (em geral ambas) frente aos acontecimentos.

Exatamente nesta fissura, nesta adesão apaixonada, nesta cisão irreconciliável que "*dividiu a Europa em dois campos*"³ e, de roldão, obrigou o mundo inteiro a uma tomada de posição, reside uma das principais zonas de interesse para a compreensão da Guerra Civil Espanhola. É indiscutível a

¹ - BENJAMIN, Walter. *Coleção "Os Pensadores"*, vol. XLVIII.

² - CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*, vol. VII, p. 3279

³ - Idem. *Ibidem*



contribuição da Espanha para a formação da consciência ética do século XX, predominantemente por causa dos embates dos anos 36/39, cujas singularidades e peculiaridades levaram diversos autores a situá-la como a mais decisiva linha demarcatória política e moral do século. Por exemplo, para permanecer no âmbito das artes, podemos lembrar Otto Maria Carpeaux que, na *História da Literatura Ocidental*, capta admiravelmente as forças em jogo naquele momento afirmando que o conflito "*foi o segundo grande acontecimento político da época e, do ponto de vista moral, o maior de todos.*"⁴ .

Examinar as razões que fizeram da Espanha, durante a Guerra Civil, a linha divisória privilegiada da Política e da Moral mundial é altamente pertinente e relevante, além de proporcionar aproximações instigantes e esclarecedoras sobre a história recente, sobretudo se, exercitando um viés anarquista, procurarmos isolar (dentro do possível) os aspectos Morais⁵ dos Políticos⁶.

* * *

Na Espanha nos anos 30, considerando-se as batalhas eleitorais que precederam o combate armado, foi onde, possivelmente pela primeira vez, as posições clássicas, progressistas e conservadores, em conflito permanente, puderam ser delineadas com nitidez e clareza, mostrando seus fundamentos e desdobramentos; onde os campos opostos foram minuciosamente cartografados e mapeados; onde as grandes contraposições dicotômicas, tais como: autoritarismo-liberdade, direita-esquerda, novo-velho etc., foram alinhadas por um mesmo e único vetor moral: certo-errado. George Orwell, no texto *Recordando a Guerra Civil*, atesta o caráter básico, emocional e, marcadamente, moral da opção: "*Quase sempre um lado é a favor do progresso, o outro está mais ou menos com a reação. O ódio que a República espanhola despertava nos milionários, duques, cardeais, playboys, Coronéis Blimp e o mais deveria, por si só, bastar para mostrar as direções. Tratava-se, em suma, de uma guerra de classes. Se fosse ganha, a causa do povo em toda a parte seria fortalecida.*"⁷.

Outro aspecto peculiar daquela época reside na oportunidade rara que todos os lados tiveram de expor e discutir suas respectivas idéias e princípios ao longo das sucessivas campanhas eleitorais que antecederam os combates finais foram décadas de alianças, composições e arranjos políticos partidários que acomodaram as mais diversas linhas políticas: marxismo, monarquia, anarquismo, fascismo,

⁴ - CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*, vol. VII, p. 3278

⁵ - LALANDE, André. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*, p. 704. Verbetes MORAL: "Relativo à ação e ao sentimento."

⁶ - Idem. *Ibidem*, p. 822. Verbetes POLÍTICA: "... que concerne ao Estado e ao governo..."

⁷ - ORWELL, George. *Lutando na Espanha e Recordando a Guerra Civil*, p. 261

democracia etc. O resultado desse amplo processo de amalgamação foi a elaboração de engenhosos discursos de propaganda, eficientes e articulados, que surtiram dois efeitos: num primeiro passo, prepararam e conduziram o povo para exercer a opção de voto frente a duas posições excludentes, pintadas, dependendo do lado, ora como tradicionalista e conservadora, ora como progressista e revolucionária; num segundo passo, quando eclodiu a insurreição armada, confrontaram e comprometeram o mundo inteiro com o dilema ibérico, eficazmente proposto e enunciado.

Para reforçar e corroborar o caráter compulsório da tomada de posição e a necessidade inescusável e imperiosa da escolha é conveniente lembrar a recorrência, nas obras deste ciclo literário do questionamento da neutralidade, recusando-a e rejeitando-a absoluta e terminantemente. De fato boa parte dos textos compulsados elege este elemento como o ponto máximo da discussão, elegendo o momento da decisão como o clímax do drama.

* * *

São múltiplos e variados os fatores que contribuíram para a cristalização do dilema moral – deliberada e necessariamente maniqueísta – presente no núcleo do problema espanhol, todavia nenhum deles explica satisfatoriamente a gênese, a extensão e a conformação desta irreconciliável dissensão ética. Tentativamente podemos percorrer alguns dos exemplos mais significativos.

Como um primeiro fator, porém não o mais importante, pode-se citar a poderosa propaganda comunista, derivada das estratégias da Terceira Internacional, que recomendava enfaticamente a utilização de todas as manifestações culturais, tais como: jornalismo, produções artísticas, projeção pessoal dos próprios autores e artistas etc, como meios de promoção do marxismo. Arelada a este plano a tática proposta era, inicialmente, exaltar a coragem e o heroísmo do homem comum, e, posteriormente, ressaltar os dramas e opções morais do povo, elevando-os, sempre que possível, quase ao nível de um imperativo hipotético kantiano⁸, objetivando assim converter a arte num eficiente instrumento de propagação dos ideais socialistas.

Um segundo fator diz respeito às grandes linhas de desenvolvimento do fenômeno espanhol, que, esquematicamente, podem ser apresentadas da seguinte maneira: um governo regular, legitimamente eleito, com respaldo popular,

⁸ - LALANDE, André. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*, p. 531. Verbetes IMPERATIVO: "Um imperativo é *hipotético* se a ordem que enuncia estiver subordinada, como meio, a algum fim que se pretenda atingir, ou pelo menos que se poderia pretender atingir: *Come sobriamente se quiseres conservar a saúde.*"

assediado e atacado por forças militares insubordinadas e transgressoras. Este quadro, inequivocamente, atrai solidariedade e simpatia universais quase irrestritas, permitindo, ao mesmo tempo, uma ampla simplificação do problema, porque abstrai do contexto aspectos controversos como nacionalismos, lutas sociais, facções partidárias e outros. Transportado o imaginário popular para um terreno aparentemente apolítico, onde os componentes da opção são preponderantemente morais, chegamos a um cenário que pode ser ilustrado pelo poema *Spain 1937* de W. H. Auden,⁹ no qual, o bordão: "*But to-day the struggle*", alude à ruptura de uma Espanha de descobertas marítimas, gloriosa, religiosa, multifacetada, misteriosa e cambiante, onde, subitamente, irrompe a luta fratricida.

Um terceiro fator, talvez uma exponenciação do anterior, se refere às transformações sociais em que o lado agredido empreendia, cuja abrangência, se levarmos em conta as características sócio-econômicas vigentes na época, abarcava uma completa revolução social, inteiramente orientada aos desejos e anseios populares; que, com muitas reservas, prometia implantar na terra o paraíso libertário e coletivo persistentemente sonhado pelas massas. Impedir a realização desse sonho, através do ataque injustificado, da destruição dessa promessa de sociedade perfeita, para um grande número de pessoas correspondia a uma invasão do território utópico pessoal e da humanidade. De certa maneira é possível perceber essa revolta, esse grito de desespero, transparecendo nos slogans dos cartazes de convocação internacional produzidos em múltiplas línguas.¹⁰

O quarto, mas não o último fator, que também não esgota o assunto, é principalmente uma especulação controvertida e temerária, enfoca a participação do anarquismo nos acontecimentos e questiona acerca da dimensão da influência exercida pelas rigorosas doutrinas éticas praticadas pelos integrantes do movimento anarquista; circunstâncias catalisadoras na cristalização das linhas morais indissociáveis do conflito espanhol; elementos que acabam por erigir a Guerra Civil como um destacado e importante paradigma moral. A proposição não é vã nem dispensável, sobretudo se considerarmos que o Anarquismo é o componente mais representativo, significativo e peculiar da conflagração ibérica, e talvez o atributo que mais tenha contribuído para precipitá-la e para configurá-la. Os desdobramentos desta colocação, o papel desempenhado pelo anarquismo no interior do conflito e, principalmente, as manifestações e conseqüências das injunções morais do movimento, serão objetos dos próximos segmentos desta dissertação.

⁹ - AUDEN, W. H. *Spain 1937*, in *Poemas*. Companhia das Letras, São Paulo, 1986, p. 48

¹⁰ - Spanish Civil War Graphics Archives - Posters of the Spanish Civil War. Site **Internet**: (http://www.miyazaki-mic.ac.jp/faculty/dward/Anarchist_Arquivos/spancivwar/scwgrafphics.html)
Trata-se de um conjunto de 25 cartazes, reproduzidos em cores, com excelente qualidade técnica, cada um dos cartazes é acompanhado por uma breve nota sobre o autor e o tema tratado.

ANARQUISMOS

Mapear o espaço ocupado pelo anarquismo dentro do episódio ibérico pode apresentar algumas surpresas, inclusive porque, sob certos aspectos, o fenômeno espanhol mais notável, relevante e significativo foi, indubitavelmente, não a Guerra Civil, mas a dimensão alcançada pelo anarquismo na época. Compulsando qualquer estudo sobre a conflagração espanhola, inescapavelmente, encontramos repetidas avaliações acerca da importância histórica e da imensa penetração que o movimento anarquista atingiu na Espanha. Para citar algumas colocações podemos começar com a afirmação de James Joll: "*O Anarquismo foi durante bem perto de setenta anos, uma força revolucionária em Espanha; e o movimento alcançou ali de longe sua maior influência que em qualquer outra parte do mundo*".¹¹ Corroborar com a apreciação de George Woodcock: "*A Espanha representou o auge do movimento anarquista do século XIX, se estendendo ao século XX, porque atingiu o apogeu e seu fim durante a Guerra Civil Espanhola dos últimos anos da década de 30*".¹² E terminar com o pronunciamento de Rudolf de Jong, num simpósio da Unicamp em 1975: "*Foi apenas na Espanha que o anarquismo atraiu grandes massas de trabalhadores e só ali que o movimento desempenhou um papel decisivo na história do país, atingindo seu clímax na revolução social durante a Guerra Civil*".¹³

Com base na justaposição destes trabalhos podemos entender os acontecimentos ibéricos sob um ângulo inusitado, muito mais interessante e esclarecedor; como uma experiência de revolução social em expansão, nesta amplitude ímpar e única, preponderantemente anarquista, cheia de vitalidade e repleta de alternativas e possibilidades; repentinamente abortada por forças reacionárias e fascistas, resultantes (e ao mesmo tempo precursoras e caudatárias) de uma onda regressiva que varria turbulentamente diversas partes da Europa e do mundo. Nestes termos a deflagração da Guerra Civil foi uma exorbitância que pôs fim a um processo social incomparável de alcance e de resultados inimagináveis.

Aparentemente, em virtude de uma fortuita similitude de interesses da história oficial franquista e da história marxista, a importância, a profundidade e a extensão da revolução social dentro da Guerra Civil Espanhola tem sido relegada para um segundo plano, como diz Rudolf de Jong, "*apenas muito recentemente os historiadores liberais mencionaram a revolução, um assunto que até então havia sido praticamente negligenciado na extensa literatura sobre a guerra*".¹⁴ Existe

¹¹ - JOLL, James. *Anarquistas e Anarquismo*, p. 265

¹² - WOODCOCK, George. *Anarquismo Introdução Histórica*, in *Os Grandes Escritos Anarquistas*, p. 42

¹³ - DE JONG, Rudolf. *Algumas Observações sobre a Concepção Libertária de Mudança Social e Revolucionária*, in *O Estado Autoritário e Movimentos Populares*, p. 313

¹⁴ - Idem. *Ibidem*, p. 329



uma opinião, mais ou menos consensual, de que um dos motivos capitais para o insucesso das forças revolucionárias contou a necessidade premente de atuar, ao mesmo tempo, em duas frentes distintas: a implantação da revolução social e a condução da guerra civil. Aceitar o desafio, quase bravata, atribuído à Durruti: "*faremos a guerra e a revolução ao mesmo tempo*"¹⁵ foi um esforço sublime, porém excessivo e desmedido.

* * *

Uma vez que a matriz, o núcleo dinâmico dos eventos espanhóis foi o anarquismo, contra ele, de uma forma ou de outra, se congregaram todas as demais forças atuantes nos acontecimentos. Do acompanhando atento das coalizões, contraposições, dissensões e confrontações envolvendo o anarquismo, pode-se facilmente deduzir e reconhecer as parcas linhas de concordância e as numerosas zonas de atrito.

Do lado trotskista, e parte dos marxistas revolucionários, os anarquistas eram considerados "*como revolucionários, ainda que equivocados*"¹⁶, com quem era possível trabalhar buscando os objetivos maiores. Com ressalvas esta posição, a mais tolerante e conciliatória, pode ser resumida da seguinte forma: "*não existe qualquer diferença entre os objetivos finais dos marxistas e anarquistas, isto é, um comunismo libertário na qual a exploração das classes e o Estado terão deixado de existir.*"¹⁷

Para os comunistas, desde a celeuma entre Marx e Bakunin, o anarquismo era um sério inimigo, porque se interpunha e concorria na arregimentação e organização das massas. As premissas de ambos os lados, quanto a atuação social e política, eram contrárias, até irreconciliáveis, na medida em que tinham visões e concepções distintas sobre os métodos, e o grau desejável de organização do povo, do partido e do Estado. Rigorosamente as discrepâncias entre as duas facções eram substanciais, a ênfase dos anarquistas estava na reforma da sociedade, enquanto a ênfase dos marxistas estava na atuação política, cuja consecução levaria, na apoteose, à reforma social.

Com os falangistas o desacordo era radical, porque diferentemente dos demais confrontos, mitigados pelo internacionalismo, a disputa com os anarquistas era local, cotidiana, antiga e renitente, portanto muito mais acesa e extremada. Apesar dos conservadores terem uma intensa ojeriza e rejeição ao anarquismo, se considerarmos quanto à efetividade da ação, o comunismo e o socialismo eram

¹⁵ - JOLL, James. *Anarquistas e Anarquismo*, p. 302

¹⁶ - HOBBSAWM, E. J. *Revolucionários*, p. 68

¹⁷ - Idem. *Ibidem*, p. 67



muito mais ameaçadores e perigosos, porque, conforme lembra Hobsbawm, retomando Gerald Brenan, "uma única greve dos mineiros (socialistas) das Asturias afetava mais o governo espanhol do que setenta anos de maciça atividade revolucionária anarquista, que não representava mais que um problema policial rotineiro."¹⁸ A incompatibilidade entre o fascismo e o anarquismo era abissal e infinita, a crença em valores como hierarquia, obediência, tradição e organização era confrontada e substituída por uma proposta de liberdade pessoal e pela supressão de qualquer forma de Estado autoritário.

Existia ainda uma quarta visão do anarquismo não extremado – a mais simpática de todas – o apelo popular, romântico, pessoal e espiritual que enxergava o movimento como uma experiência ética, individual e íntima, quase mística e transcendente. Uma aproximação cujo "*principal atrativo do anarquismo era emocional e não intelectual. Não era, porém, um atrativo insignificante. Quem tenha estudado, ou tenha tido algo a ver com o verdadeiro movimento anarquista, se sentiu profundamente movido pelo idealismo, heroísmo, espírito de sacrifício e religiosidade que tantas vezes ele engendrou, lado a lado com a brutalidade do 'Mekhnovshchina' ucraniano ou dos pistoleiros fanáticos e incendiários de igrejas na Espanha.*"¹⁹ Pode ser que este componente moral, exigente e idealista, inerente ao anarquismo, tenha sido o elemento que insuflou à Guerra Civil Espanhola suas mais apreciadas e valiosas qualidades, fazendo dela um exercício, eminentemente, ético; reivindicando para o conflito a perpétua alternância entre o idealismo e o realismo, eternamente em precário equilíbrio, desafiando soluções desde Dom Quixote e Sancho Pança, símbolos da Espanha e da ambiguidade humana.

GINÁSTICA MORAL²⁰

Eventualmente a melhor forma de entendermos o rigor, a disciplina e os compromissos morais assumidos pelos anarquistas, talvez seja atentarmos para as palavras de um de seus principais líderes, ou mártires; declaração de princípios de Durruti recolhida por Emma Goldmam: "*I have been an anarchist all my life. I hope I have remained one. I should consider it very indeed had I to turn to a General and rule men with a military rod... I believe, as I always have, in freedom. The freedom which rests on the sense of responsibility. I consider discipline indispensable, but it must be inner discipline, motivated by a common purpose and a strong felling of comradeship.*"²¹ Esta profissão de fé que ressalta as

¹⁸ - Idem. Ibidem, p. 92

¹⁹ - HOBBSAWM, E. J. *Revolucionários*, p. 91

²⁰ - Idem. Ibidem, p. 84

²¹ - NEWELL, Peter E. *Buenaventura Durruti*. Obtido de um site **Internet** dedicado ao arquivamento de textos sobre a Guerra Civil Espanhola.



inquebrantáveis regras de condutas comuns à melhor tradição anarquista, estranhamente foi enunciada por um ativista violento, responsável por diversos atentados de morte contra adversários e rivais políticos. Esta ambivalência fundamental, ao invés de invalidar, reafirma a moralidade entranhada no movimento anarquista, porque, além e subjacente à atuação política, está a integral adesão às severas doutrinas e cânones éticos.

Outra característica normalmente associada ao anarquismo é uma espécie de religiosidade, difusa e indefinida, contrastante com a negação peremptória da Igreja organizada. A assunção conjunta da moralidade e da quase religiosidade não é surpreendente nem inesperada, ao contrário, pode-se dizer que, dadas algumas premissas filosóficas, a interdependência entre ambas torna-se quase obrigatória.

Mesmo partindo da reduzida bibliografia desta dissertação, são inúmeras e reiteradas as colocações ressaltando este traço superficialmente contraditório. Para Hobsbawn, "*O anarquismo espanhol é um espetáculo profundamente comovente para o estudioso da religiosidade popular -era, na verdade, uma forma de milenarismo secular...*"²². No mesmo sentido, também para George Woodcock, o anarquismo "*atraia os espanhóis por suas qualidades morais e idealistas, tornou-se não apenas um movimento político, mas tinha uma articulação quase religiosa de caráter puritano...*"²³ A inter-relação entre os aspectos religiosos e certa psicologia do povo espanhol é uma tese recorrente, se constituindo num argumento freqüentemente empregado para ajudar a explicar o enraizamento e florescência do anarquismo em terras ibéricas.

A estreita conjunção destes dois elementos na origem do anarquismo espanhol é largamente explicitada por James Joll: "*Talvez o explique, como alguns acreditaram, o temperamento do Espanhol, propenso aos extremismos das doutrinas anarquistas, certos de que uma população acostumada de há séculos ao fanatismo religioso e propenso a responder rapidamente a um fanatismo de outra natureza. Talvez ainda, o individualismo, o orgulho e o autorrespeito próprios comumente atribuídos como características do Espanhol, o tornasse capaz de aceitar prontamente uma doutrina que, de uma forma mais extrema que a religião protestante, atribui a cada indivíduo a responsabilidade das suas próprias ações.*"²⁴

Como hipótese, podemos imaginar que a negação em bloco do Estado, da constituição, da hierarquia, do comando unificado, de qualquer tipo de estrutura

Endereço: (<http://tigerden.com/~berios/durruti-newell.html>)

²² - HOBBSAWM, E. J. *Revolucionários*, p. 84

²³ - WOODCOCK, George. *Anarquismo Introdução Histórica*, in *Os Grandes Escritos Anarquistas*, p. 42

²⁴ - JOLL, James. *Anarquistas e Anarquismo*, p. 266



autoritária, tornou imprescindível para os anarquistas, em contrapartida, aderirem a outro conjunto estável de regras, nem que seja, meramente, a nível de reforço psicológico. Assim, em congruência com os melhores princípios filosóficos do anarquismo, que sobreestimam o indivíduo e a liberdade, é bastante provável que os adeptos do movimento tenham substituído a imposição do quadro de referências externas – Leis, diretrizes sociais – por um outro sistema de normas e valores morais, em que o rigor e a escrupulosa observância é proporcional ao desprezo pelas formas oficiais de organização. De maneira evidente a submissão às Leis, a cidadania e a obediência, foram preteridas pela camaradagem, pelo companheirismo e pela lealdade pessoal.

* * *

Na filosofia de Diderot, à medida que os argumentos avançam, tecem também uma rede de paradoxos²⁵ que, paulatinamente, articulam e aguçam as idéias do autor. De maneira geral este conjunto de impasses resulta da acomodação imperfeita de três proposições básicas: o ateísmo, a justificação da virtude e a fundamentação da moral. Simplificadamente, a saída do autor para superar estas contradições sistemáticas é afirmar que a virtude e a moral provêm não da religião, mas da razão. Grosso modo o anarquismo, já que a irreligiosidade é um de seus atributos principais, tem que enfrentar um questionamento similar. Contudo, adicionalmente, é bom salientar que, de acordo com Hobsbawm, a literatura e a produção documental do movimento eram escassas, em especial na Espanha, "*porque os intelectuais eram democratas, republicanos, populistas no terreno cultural, talvez acima de tudo anticlericais e bastante ativos em algumas fases da oposição: porém, poucos deles eram socialistas e virtualmente nenhum era anarquista.*"²⁶ Em conseqüência, a resposta mais contundente que os libertários podiam oferecer aos paradoxos da moralidade, não eram os discursos, mas, ao invés disso, os exemplos de vida.

Descrever o anarquista espanhol típico ou padrão, por múltiplas e diversas razões, é um empreendimento difícil. Primeiro, as linhas e as fronteiras do movimento são imprecisas e elásticas. Segundo, as características das doutrinas se modificam dependendo de fatores geográficos e sociais. Terceiro, as causas e os engajamentos em que os adeptos se empenham condicionam bastante a filosofia e as atividades anarquistas. Quarto, o anarquismo é, antes de tudo, uma tendência, uma inclinação que engloba várias correntes, até mesmo divergentes. Por último, quanto ao grau, é preciso apartar os simpatizantes e os fanáticos, apesar de ambos os extremos compartilharem dos mesmos traços gerais do movimento. Feita esta

²⁵ - NASCIMENTO, Maria das Graças S. *Moral e Espécie: Diderot e o Paradoxo do Homem Virtuoso*, in *Discurso - Revista do Departamento de Filosofia da USP*, n. 19

²⁶ - HOBBSAWM, E. J. *Revolucionários*, p.87

breve introdução taxionômica, podemos definir o anarquista enumerando suas muitas qualidades positivas: persistência, determinação, individualismo, dedicação, seriedade, circunspeção e muitas outras. Por essas virtudes não é descabido aproximá-los dos missionários, dos frades, dos cavaleiros medievais, nem desmedido lembrar a figura d'*El Ingenioso Hidalgo de La Mancha*.²⁷

No texto *Anarquistas e Anarquismo*, os exemplos de comportamento pessoal apresentados por James Joll ilustram extensivamente a conduta e os costumes dos libertários: "*Os verdadeiros anarquistas, especialmente na Andaluzia, nem fumavam nem bebiam, enquanto a sua moralidade sexual era muitas vezes extremada e escrupulosa.*"²⁸ Salvaguardando alguns princípios e regras, jamais transgredidos, os anarquistas, com mínimas concessões ao Estado, exibiam as melhores e mais valorizadas virtudes sociais: não tomavam bebidas, não jogavam a dinheiro, evitavam mencionar o nome de Deus, viviam honestamente com suas companheiras – dispensando, contudo, a oficialização civil e religiosa. Alguns raros chegavam ao excesso de se tornarem abstêmios e vegetarianos. Para reforçar a consistência das premissas morais e evidenciar os esquemas para propagação e perpetuação da doutrina libertária através das gerações é oportuno registrar uma curiosa passagem do livro citado, onde o autor, ao relatar a lamentável tragédia de *Casas Viejas*, faz rápida referência a um costume muito interessante, e, até certo ponto, pensando na facilitação social, bastante previsível: o incentivo à realização de uniões endogâmicas, juntando membros do próprio movimento, estabelecendo "*uma espécie de dinastia anarquista, em que jovens revolucionários se casavam dentro das famílias de velhos anarquistas*".

ANARQUISMO ENDÊMICO

Repassando os textos, referências e notícias sobre o anarquismo, dois aspectos nitidamente se destacam: (a) a enorme extensão potencial do conceito de anarquia, capaz de abranger as mais diversas e variadas situações, e (b) complemento, prova e corolário do primeiro item, a vasta quantidade de eventos passíveis de serem entendidos como experiências anarquistas. A resistência pacífica da Índia, a desobediência civil, boa parte dos movimentos estudantis, em especial os acontecimentos de maio de 68, são alguns exemplos extraídos da longa lista de possibilidades.

Partindo-se da conjunção destes dois aspectos suplementares e interligados, considerando-se ainda as possibilidades de eclosão deles, e grande a frequência com que ocorrem movimentos facilmente classificáveis como anarquistas, quase

²⁷ - Idem. Ibidem, p. 91

²⁸ - JOLL, James. *Anarquistas e Anarquismo*, p. 275



podemos concluir que o anarquismo é um traço endêmico da humanidade. Alguma coisa parecida com uma saudável rejeição instintiva, latente e intrínseca ao homem, que irrompe, aflora e se exterioriza sempre que a sociedade se desencaminha, exacerba ou transgride suas funções.

Algumas notícias recentes localizam o último surto deste germe na rede **Internet**, entendida pelos participantes, ditos internautas, como uma organização livre, sem comando centralizado, sem estrutura oficial, alheia, avessa e resistente às regras e comandos externos. Descontrolada e, até o momento, incontrollável, a gigantesca rede de computadores expande-se geometricamente por intermédio da justaposição de múltiplas iniciativas livres e isoladas. Coordenada por uns poucos conselhos de membros voluntários que emitem regras mínimas de ação, funcionamento e documentação, é regida por uma reduzida etiqueta de comportamento (Netiqueta, no jargão) que mais induz e aconselha do que governa e controla. Atualmente, este libertário espaço virtual, uma anarquia na acepção primeira do termo, está progressivamente sendo invadido por interesses comerciais e governamentais; algumas leis controladoras e restritivas já estão em preparação, apesar de que o caráter trans-nacional, inerente ao sistema, dificulta e retarda a intromissão externa e a imposição de normas.

Neste Cyber-espaço – quem sabe atraído pelas características próprias do meio; talvez conjunturalmente, instigado pelos últimos acontecimentos que precipitaram uma tomada de posição – a presença do anarquismo como tema de discussão, item de documentação e assunto de interesse teve crescimento significativo. Em alguns levantamentos preliminares realizados na **Internet**, na primeira semana de maio de 1996, com as ferramentas de varredura intensiva disponíveis na rede,²⁹ utilizando como argumento de busca a palavra anarquismo (*anarchism*), em números aproximados, foram encontradas mais de 10.000 referências, sendo que 3.000 empregavam o termo num contexto politicamente definido, destas 1.000 apontavam para sites (locais de armazenamento em meios magnéticos) de algum modo relacionados com o movimento. Na análise do material foram identificados mais de 12 grupos ativos de discussão sobre o assunto. Para efeito de comparação, numa prospecção utilizando o termo composto Guerra Civil Espanhola (*spanish civil war*), foram relacionadas 3.000 referências e apenas um grupo de discussão genérico sobre revoluções libertárias. Como resultado suplementar dessas pesquisas foi possível ter acesso a um grande número

²⁹ - As pesquisas na **Internet** foram efetuadas utilizando o sistema de varredura **ALTAVISTA**, mantido pela DIGITAL CORP.

Endereço: (<http://www.altavista.digital.com>)

A característica geral desses sistemas de pesquisas é, a partir de um dado argumento, procurar em todos os computadores conectados na Internet referências à palavra-tema informada. O que distingue o ALTAVISTA dos demais sistemas é examinar, além dos índices, também o corpo dos documentos.



de documentos: livros e textos (redigitações e fac-símiles), fotografias e reproduções de quadros, cartazes, revistas, jornais etc; efetivamente uma coleção de material muito maior que o escopo do trabalho, inviabilizando o exame, mesmo introdutório e superficial, dentro do tempo disponível.

* * *

Conclusivamente, as questões suscitadas pelo anarquismo ibérico, a dolorida interrogação colocada pela Guerra Civil, ainda não foram, e talvez nunca sejam, respondidas. De fato, e com algumas licenças de interpretação, poderíamos dizer que na Espanha coincidiram dois campos de batalha superpostos e entretidos: um político, com local e data conhecidos, onde o anarquismo foi, para todos os efeitos práticos, derrotado; outro moral, indefinido e ilimitado, onde não existem vencedores nem vencidos, existem apenas exercícios de moralidade, onde a causa de consciência da humanidade acaba sempre prevalecendo. Neste cenário, de uma perspectiva histórica otimista, num presumido e perene campo de batalha moral, tanto o anarquismo espanhol quanto a **Internet** podem ser entendidos como movimentos de guerrilha coordenados, com dimensões, armamentos, táticas e, sobretudo, consequências diferentes.

**BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

- CARPENTIER, Alejo. *A Sagração da Primavera*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1987.
- CARPEAUX, Otto Maria. *Historia da Literatura Ocidental*. Edições Cruzeiro, 1966.
- COBB, Christopher H. *La Cultura y el Pueblo - España, 1930-1939*. Editorial Laia, Barcelona, 1981.
- HOBSBAWN, Eric J. *Revolucionários*. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1982.
- JOLL, James. *Anarquistas e Anarquismo*. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1977.
- LALANDE, André. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. Martins Fontes, São Paulo, 1993.
- O'DONNELL, Guillermo - LINZ, Juan - HOBSBAWM, Eric - DE JONG, Rudolf. *O Estado Autoritário e os Movimentos Populares*. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979.
- ORWELL, George. *Lutando na Espanha e Recordando a Guerra Civil*. Editora Globo, Porto Alegre-Rio de Janeiro, 1986.
- WOODCOCK, George. *Os Grandes Escritos Anarquistas*. Editora L & PM, Porto Alegre, 1981.